



O Complexo de Suape na Mídia Pernambucana¹

Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes²
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife-PE

Resumo: Neste artigo, discutimos o comportamento do *Diário de Pernambuco*, do *Jornal do Commercio* e do blog *Ciência Meio Ambiente* no episódio relativo a uma proposta o desmatamento de 1.076,49 hectares de floresta nativa na área do Complexo Industrial Portuário de Suape, em Pernambuco. Em nossa análise, verificamos que, embora também tenham discutido a questão ambiental, os jornais impressos se voltaram, preponderantemente, para os benefícios econômicos do Complexo. O blog, por seu turno, apesar de estar vinculado ao *Jornal do Commercio*, deixou transparecer a insatisfação com a proposta, com uma posição firme, mas sem o tom de militância radical.

Palavras-chave: jornalismo; meio ambiente; degradação; desmatamento; Suape.

Introdução

Vem crescendo, nos últimos anos, o interesse da mídia brasileira por questões ambientais. De acordo com Nelson (1994), poucos repórteres escreviam sobre meio ambiente há algumas décadas, pois a preocupação com os recursos naturais e habitats ainda não era um tema tão popular quanto agora. John (2001. p. 91), de certa forma, ratifica a opinião de Nelson, quando diz:

Nas páginas dos jornais e revistas, o meio ambiente nunca ocupou um lugar definido. Existem episódios esporádicos, no século XIX, em que os jornais serviram como tribuna para políticos como José Bonifácio de Andrada e Silva escreverem em defesa das baleias ou da exploração racional dos recursos naturais e contenção dos desmatamentos como medida de preservação dos recursos hídricos. [...] Já na história mais recente, há 30 anos atrás (sic), quando começaram a surgir reportagens sistemáticas sobre o tema, um problema ambiental só chegava às primeiras páginas quando ocorria no Primeiro Mundo ou quando tinha implicações no comércio internacional ou na política externa. Raramente teria destaque se fosse um assunto circunscrito ao território nacional. Exceto no caso de acidentes ambientais, com “boas manchetes”, ou seja, passíveis de uso sensacionalista.

Será que, por estarmos sentindo na pele os efeitos do aquecimento global, finalmente, passamos a nos conscientizar da necessidade de preservar a natureza? Por outras palavras: será que a mídia brasileira passou a reconhecer a importância de agendar matérias que levantem discussões que possam contribuir para a preservação do

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPE (isaltina@gmail.com).



meio ambiente? Na realidade, a maior preocupação com temas ambientais que vemos hoje nas nossas páginas de revistas e jornais, nos noticiários de rádio, nos telejornais e na internet é um reflexo das crescentes discussões mundiais em torno dos problemas da natureza. A temática ganhou ares de missão oficial, a partir da década de 90, com a elaboração do tratado de educação ambiental no Fórum Global, durante a *Rio 92*, e com a Lei 9.975, de 1999³. Ambos incumbiam os meios de comunicação a colaborar de maneira ativa e permanente na disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente. Como sugere John (2001), surge, então, um novo tipo de jornalista, que embora não tenha uma formação de educador, acaba contribuindo para a formação de cidadãos ‘ambientalmente educados’.

Mas, será que nossa sociedade está interessada em discutir acerca dos problemas ambientais que surgem todos os dias à nossa volta? John (2001) pondera:

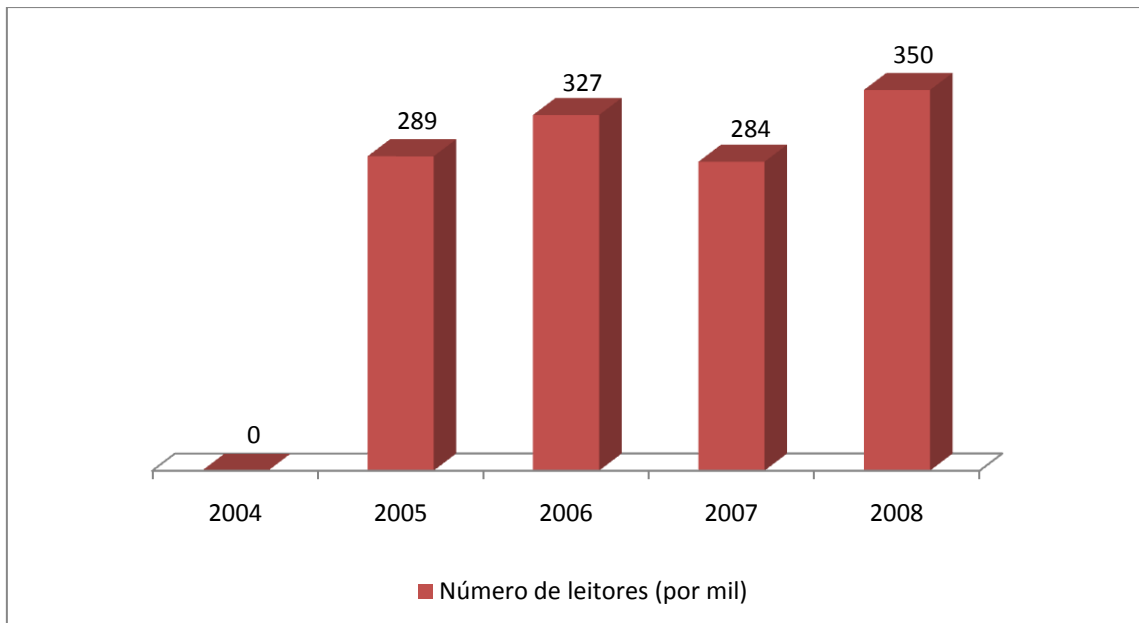
Um olhar sobre pesquisas de opinião e enquetes ambientais mostra que, de modo geral, tem havido algum progresso: o público acha necessário proteger “o verde” e, sobretudo, a fauna; sabe que a poluição é ruim; receia a energia nuclear, as invenções incertas, como os transgênicos, e discute algumas relações entre saúde e águas contaminadas. Reconhece os recursos naturais como patrimônio (embora atribua todos os encargos de cuidar deste patrimônio ao governo) e mostra disposição em trabalhar voluntariamente pela melhora do meio ambiente (embora ainda restrinja a maioria das ações a pequenas atitudes do dia a dia, desde que não atrapalhem muito sua rotina) (JOHN, 2001, p. 89).

Levantamentos anuais realizados pelo Instituto Ipsos Marplan, desde 2004, a pedido do *Jornal do Commercio* (JC), para avaliar, entre outros aspectos, os assuntos de maior interesse do seu público, também revelam algum progresso em relação ao interesse do público sobre o tema meio ambiente. No primeiro, realizado em 2004, do total de 15 assuntos pesquisados entre os leitores do jornal, a temática meio ambiente não apareceu. Isso só vai ocorrer em 2005, com o tema “Ecologia/ Meio Ambiente” na oitava colocação, com 289 mil leitores. No ano seguinte, 2006, cai para a décima posição e mas o número de leitores sobe para 327 mil. Em 2007, embora tenha subido para a nona posição, o número de leitores caiu para 284 mil, ou seja, nesse ano foram menos 43 mil leitores interessados no tema. Já em 2008, a temática não sobe de posição, mas observa-se algum incremento no número de leitores (250 mil) (v. Gráfico 1).⁴

³A Lei 9.975/99 institui a Política Nacional de Educação Ambiental, tornando obrigatória a educação ambiental.

⁴Embora o Instituto Ipsos Marplan faça o levantamento anual, desde 2004, só conseguimos, para este trabalho, os resultados até 2008.

Gráfico 1 - Interesse dos leitores do JC em Ecologia/Meio Ambiente



FONTE: Ipsos Marplan / Gerência de Marketing do Jornal do Commercio

Partindo do pressuposto de que há um real interesse do público pelo assunto e considerando que atualmente a mídia está mais atenta às questões ambientais, vamos apresentar neste artigo alguns dados sobre o episódio relativo a uma proposta do Governo do Estado de Pernambuco para autorizar o desmatamento de 1.076,49 hectares de floresta nativa na área do Complexo Industrial Portuário de Suape (893 de mangue, 166 de restinga e 17 de mata atlântica) e o comportamento da mídia local. Para isso, nos debruçamos no material sobre o assunto publicado de 24 de abril a 9 de julho de 2010 no blog *Ciência Meio Ambiente* que, embora seja vinculado ao *Jornal do Commercio* (JC) e tenha como editora uma repórter do JC impresso, tem certa independência em relação ao conteúdo publicado. Também lançamos um olhar sobre os principais jornais impressos de Pernambuco, o já citado JC e o *Diário de Pernambuco* (DP). Acompanhamos o dia a dia do blog no período mencionado, mas não fizemos um levantamento minucioso dos impressos, pinçamos apenas algumas matérias que consideramos relevantes trazer para este artigo.

Contextualizando

O Complexo Industrial Portuário de Suape, situado nos municípios de Ipojuca e do Cabo de Santo Agostinho, litoral sul de Pernambuco, tem uma área total de 14 mil hectares, distribuídos em quatro zonas (portuária, industrial, de preservação ecológica e de preservação cultural). De acordo com o material de divulgação do Governo do



Estado, o Complexo é, atualmente, o maior polo de desenvolvimento do País e possui um dos mais importantes portos do Hemisfério Sul.

Caminhando rumo aos 32 anos de existência, Suape é hoje sem ao menos um concorrente à altura, o indutor mais conhecido e reverenciado do desempenho vitorioso da economia pernambucana. Alguns números ratificam a assertiva e nos dão a sensação deque a trajetória alcançada pelo porto é positiva e irreversível: pelo menos R\$ 1,4 bilhão em investimentos públicos, de 2007 a 2010, e R\$ 30,6 bilhões investidos pela iniciativa privada em 35 empreendimentos, nos últimos três anos. A geração de empregos acompanha o ritmo: 10 mil vagas diretas e 150 mil indiretas para os empreendimentos em obras. (PERNAMBUCO, 2010, p.2)

Em março de 2010, o Governo do Estado de Pernambuco encaminhou à Assembléia Legislativa do Estado proposta de Projeto de Lei autorizando supressão de vegetação de preservação permanente de Mata Atlântica na área do Complexo Industrial Portuário de Suape. A proposta de desmatamento acendeu um debate que abalou o sentimento ambientalista do pernambucano. A título de ilustração, reproduzimos duas cartas publicadas sobre o assunto, um no DP e outra no JC, nos dias 27 e 28 de abril, respectivamente.

(1)

Desmatamento

É assustador! O governo é inimigo da Educação e inimigo da Mãe Natureza também. O que o governo do estado quer fazer em Suape, desmatando e acabando com tudo, é imoral. É um dano tão grande que não tem conserto, não tem mais volta. Ele faz o que quer e o MP não está nem aí. Acorda, povo! Ele só faz porque a gente deixa.

Carla Simone – Recife - (DP, seção Cartas. 27/04/2010)

(2)

Como se sabe, o governo de Pernambuco quer destruir mais de 1000 hectares de vegetação nativa em torno do Porto de Suape, aniquilando o mangue local e o berçário de fauna marinha ali situado. No entanto, vergonhosamente a imprensa (incluindo o JC) está omissa perante essa ameaça de ecocídio, restringindo-se a divulgar pequenas notas, nada contundente sobre o caso. Só estamos sabendo de toda a maldade que pretendem fazer graças aos blogs, seja dos portais de comunicação, seja independentes. E até o Ministério Público, que atua com rapidez em muitos casos de atentado contra o bem comum, parece estar dormindo, nada fazendo contra esse "crime legal" ambiental. Já dizia Martin Luther King, "o que mais preocupa não é o grito dos maus, é o silêncio dos bons"!

Robson Fernando - Recife - Ipsep - (JC, seção Cartas à Redação. 28/04/2010)

As cartas representam a indignação de parte da população em relação à proposta de desmatamento e mostram o descrédito dos leitores no Governo do Estado, no Ministério Público e na própria imprensa. Mas também conferem credibilidade aos blogs, mesmo aqueles vinculados a portais de grandes empresas de comunicação. Por outro lado, discursivamente as cartas não têm a mesma força que as matérias publicadas



na mídia. Isso ocorre porque, nesse caso, os enunciadores não são “vozes autorizadas”, como seria um técnico, um ambientalista ou mesmo um político envolvido na querela. Além disso, as cartas nunca são publicadas na íntegra, havendo sempre algum tipo de edição.

Entre o desenvolvimento e o meio ambiente

Ao nos debruçarmos sobre as matérias desses dois jornais que tinham alguma relação com o desmatamento de Suape, verificamos que, nos dias analisados, a cobertura do JC ocupa muito mais espaço que a do DP. Mas, nos dois jornais o aspecto ambiental fica em segundo plano, sendo ofuscado pelos interesses socioeconômicos que comandam a cobertura. Um importante indício da prioridade do foco econômico é o fato de grande parte das matérias referentes ao tema ter sido publicada nos cadernos de economia de ambos os jornais. Enfim, o que se percebe é o enaltecimento do Complexo de Suape como a redenção da economia de Pernambuco, como pode ser observado nos exemplos a seguir.

(3)

Certamente não foi o que os ecologistas desejavam, mas a proposta negociada e aprovada pela Assembleia Legislativa de Pernambuco é a necessária para o Complexo Industrial e Portuário de Suape atender o polo naval que está se formando ali. E será suficiente para que, num horizonte de cinco anos, o novo negócio se consolide e inclua Suape no mapa internacional do setor.

Não é agradável do ponto de vista ecológico aterrar mais de 504 hectares de mangue, cavar um canal suficiente para movimentar plataformas e levar para um lugar tão privilegiado atividades tão invasivas como as decorrentes de um complexo naval. Mas é preciso ter a coragem de assumir que estamos aproveitando uma oportunidade de geração de negócios que vai muito além da quantidade de empregos que essa indústria possa trazer ao local. (O aterro necessário. *Jornal do Commercio*. 28/04/2010)

(4)

Empresários podem ficar na espera, pois vagas devem ser reabertas. Os empresários que não conseguiram se inscrever na primeira fase do 2º Encontro de Negócios Petrobras terão uma nova chance. [...] O objetivo do evento é aumentar o número de empresas pernambucanas que são subfornecedoras de bens e serviços dos consórcios contratados para construir a Refinaria Abreu e Lima, em Suape - Odebrecht/OAS, Conduto/Egesa, Egesa/TKK, Camargo Corrêa/CNEC, Construcap/Progen, Queiroz Galvão/IESA e Tomé/Alusa/Galvão, além da empresa Jaraguá Equipamentos. Os contratos firmados equivalem a mais de R\$ 13 bilhões, trazendo novas possibilidades de negócios para a região. Durante o evento, a Petrobras também estará cadastrando fornecedores locais. (Nova chance para fornecer à refinaria. *Diário de Pernambuco*. 25/04/2010)

(5)

A Petrobras vai lançar na próxima semana um catálogo virtual com todas as empresas que estão participando do 2º Encontro de Negócios, que acontece até amanhã no Arcádia Paço Alfândega, no Recife. O evento tem como objetivo aproximar potenciais fornecedores dos consórcios contratados para construir a Refinaria Abreu e Lima, em Suape. Em formato de CD, a publicação vai trazer informações completas sobre mais de 2,1 mil empresas, contendo nome, endereço, e-mail e telefones de contato dos responsáveis, além de uma descrição minuciosa do



produto ou serviço oferecido. (Catálogo com 2,1 mil empresas. *Diário de Pernambuco*. 28/04/2010)

(6)

Nesta sexta-feira, dia 7 de maio, será lançado ao mar em Suape, com a presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o primeiro navio petroleiro construído no Brasil a ser entregue ao Sistema Petrobras após 13 anos. Mas não apenas isso. Será lançada ao oceano a primeira embarcação de grande porte produzida em Pernambuco em toda a sua história. Foram necessários mais de três anos desde a assinatura do contrato entre a Transpetro e um certo estaleiro que, por ser ainda virtual, gerava muita descrença.

Poucos acreditavam que o Brasil poderia retomar sua indústria naval, depois de mais de duas décadas de estagnação. E hoje temos a quinta maior carteira de encomendas do mundo. Poucos também acreditavam que os pernambucanos seriam capazes de construir navios. Felizmente, o que era sonho virou realidade. O João Cândido, um gigante de 275 metros de comprimento, quase dois campos e meio de futebol, finalmente deixará o dique seco do Estaleiro Atlântico Sul rumo ao cais. (Primeiro navio genuinamente pernambucano. *Diário de Pernambuco*. 02/05/2010)

Suape é também a esperança para os desempregados da região, conforme sugerem matérias como “Moreno terá 1.800 vagas e cadastrará candidatos”, “Qualificação para garantir um bom emprego” e “Suape também é dos pequenos”, das quais pinçamos os excertos a seguir.

(7)

A população da cidade de Moreno vai conhecer hoje à noite como será o cadastramento para os interessados em se candidatar a uma das 1.800 vagas de emprego que serão abertas com a implantação das três primeiras indústrias no município que integram o Território Estratégico de Suape. A partir das 19h30, no Societé Esporte Clube, as empresas BS Construtora, Polímeros Polímeros e Gráfica Flamar vão apresentar o perfil dos empreendimentos e detalhar a necessidade de mão de obra. As indústrias somam investimentos superiores a R\$ 26,5 milhões e vão gerar 1.800 empregos diretos. (Moreno terá 1.800 vagas e cadastrará candidatos. *Jornal do Commercio*. 27/05/2010)

(8)

Em 2009, 46,7 mil pessoas comemoraram o Dia Internacional do Trabalho com um novo emprego em Pernambuco. Esse foi o número de vagas geradas graças ao momento econômico positivo vivido pelo Estado. E as projeções para o futuro são animadoras. Nas estimativas do comando do Complexo Portuário e Industrial de Suape – atualmente um dos principais destinos da mão de obra local –, outras 10 mil oportunidades serão geradas graças a instalação de 37 novas empresas na região, das quais 15 em fase de projeto. Para quem está a procura de emprego ou mesmo querendo mudar de atividade, é hora de ficar de olho nas demandas e se qualificar para conquistar o seu espaço. (Qualificação para garantir um bom emprego *Jornal do Commercio*. 01/05/2010)

(9)

Sérgio de Souza Alvarenga deixou de lado 12 anos de trabalho na boleia de um caminhão para se transformar num microempresário. Nas suas idas e vindas para entregar mercadoria no Complexo de Suape ficou sabendo que a Spice Gourmet - empresa de alimentação do Estaleiro Atlântico Sul (EAS) - precisava terceirizar o trabalho de descascar macaxeira, inhame e batata doce para otimizar os procedimentos na sua cozinha industrial. [...]



Suape também transformou em empresária a ex-comerciária Verônica Gomes. Funcionária de uma empresa de fardamento, ela decidiu montar seu próprio negócio. Usou a poupança de R\$ 8 mil que tinha para comprar tecidos e três máquinas de costura. Localizada no Cabo de Santo Agostinho, a Cabo Fardas fornece para oito empresas em Suape, principalmente empreiteiras. “Nosso projeto agora é oferecer um serviço diferenciado de fardamento para pronta-entrega. Hoje, um pedido demora, no mínimo, 15 dias para ficar pronto”, diz, demonstrando que está atenta à necessidade de inovar. (Suape também é dos pequenos. *Jornal do Commercio*.02/05/2010)

O discurso do DP e do JC traz um tom laudatório ao empreendimento do Governo do Estado. Nesse discurso, até mesmo os moradores da região, que serão diretamente atingidos pela degradação ambiental, se manifestam a favor da proposta, pois a esperança de abertura do mercado de trabalho amplamente divulgada na mídia é mais forte que a necessidade de preservar o meio ambiente. Observe-se o exemplo (10).

(10)

Mas, entre os próprios moradores da Ilha de Tatuoca, onde serão erguidos os estaleiros, o sentimento é diferente do discurso dos ambientalistas. A maioria defende a criação do cluster naval. Honório Alves de Almeida, de 20 anos, deixou a vida de pescador para trabalhar na área industrial do EAS. “Como pescador tinha uma renda de R\$ 300 por mês. Hoje ganho mais que o dobro. A própria ilha mudou. Hoje temos estrada e energia elétrica. É verdade que o volume de peixes diminuiu, mas a nossa vida mudou para melhor”, testemunha.

A previsão é que os indicadores sociais de Ipojuca avancem nos próximos anos. Nos 31 anos de história do Complexo de Suape, a participação dos ipojuicanos como mão de obra não chegava a 5%. Hoje, um acordo entre governo do Estado, empreendedores e prefeituras municipais determina que a mão de obra seja contratada nas sete cidades do entorno de Suape. Só o Atlântico Sul já conta com 3.400 funcionários. No pico das obras da Refinaria Abreu e Lima, a expectativa é que sejam contratadas 30 mil pessoas. (Os desafios do desenvolvimento. *Jornal do Commercio*. 24/04/2010)

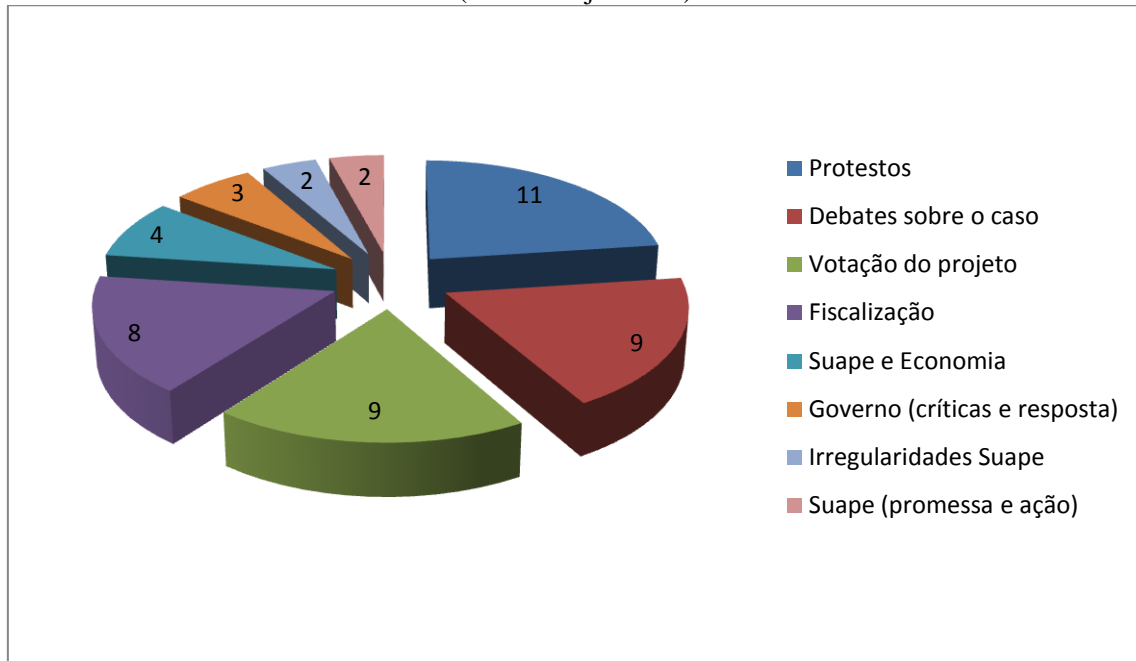
Evidentemente, não podemos esquecer que ao mesmo tempo em que veículos de comunicação têm seu dever social, são empresas sustentadas pela publicidade e, no caso dos jornais impressos, pela venda de seus exemplares. Aqui vale lembrar Ivanissevich (2001), quando alerta que por ser um negócio, não se pode esperar que a mídia divulgue ciência por motivos altruístas. O mesmo se pode dizer em relação à temática meio ambiente. Contudo, acreditamos que o interesse econômico deve ser limitado pela ética que exige do jornalista uma preocupação em divulgar informações completas, sem privilegiar quem quer que seja.

A favor do meio ambiente

Ao contrário do que se observou no JC e no DP, no blog *Ciência Meio Ambiente* o debate e a cobrança de uma posição mais atenta aos prejuízos ambientais se fizeram

presentes, seja nas 44 matérias sobre o assunto, seja nos cinco artigos de especialistas. São críticas a Suape e aos órgãos ambientais, é a divulgação sobre manifestações da sociedade civil, dentre outros assuntos, o que pode ser observado no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Tratamento do Caso Suape no Blog Ciência Meio Ambiente
(24 abr / 9 jul 2010)



Durante o período analisado, observamos que a preocupação central do blog não foram os aspectos econômicos, mas o meio ambiente, no caso, o desmatamento de Suape. Isso é revelado pelos antetítulos, com expressões como “*desmatamento recorde*”, “*desmatamento*”, “*megadesmatamento*”, passando pelos títulos (“*Diretor de Meio Ambiente de Suape denunciado por improbidade administrativa*”, “*Pescadores denunciam Suape à Promotoria de Justiça de Jaboatão*”, “*Suape celebra Semana de Meio Ambiente em meio a críticas por desmatamento de 691 ha*”, “*Pescadores cobram ação civil pública*”, “*Governo oferece 80 hectares de mangue para abrigar estaleiro rejeitado por Fortaleza*”, “*Um hectare de mangue em Suape vale 4,2 milhões de dólares, diz estudo*”) até as matérias em si, que carregam um discurso mais forte, apontando aspectos que muitas vezes passam despercebidos ao cidadão comum:

11)

A questão primordial para a polêmica em torno da supressão do mangue de Suape é que o Projeto de Lei 1.496/2010, em tramitação na Assembléia Legislativa, autoriza a retirada de uma área de vegetação nativa. São 1.076,49 hectares – equivalente a 1.000 campos de futebol – de



mangue, mata atlântica e restinga que darão lugar ao cluster da indústria naval, projeto que vai gerar emprego e renda para Pernambuco.

O professor da UPE Clemente Coelho Junior, especialista em mangue, alerta, no entanto, que os danos ambientais da retirada do mangue podem prejudicar muito mais do que simples caranguejos. “Uma das funções do mangue é absorver a energia das marés, funciona como uma esponja que suga a água na maré alta, diminuindo o efeito erosivo do oceano. Sem ele, para onde vai essa energia? Possivelmente para Boa Viagem e balneários de Ipojuca. Haverá aceleração no processo de erosão costeira e quanto será gasto para conter o mar?”

[...]

O professor Clemente Coelho Júnior salienta, também, que o próprio mangue é gerador de riquezas e que este custo nunca é calculado. “As florestas em pé valem muito mais do que destruídas, segundo análise da ONU dentro da Avaliação Ecosistêmica do Milênio (basta digitar no Google). Sempre se coloca como carro chefe as atividades econômicas, mas se esquece do sistema que possui valor econômico. O argumento do emprego e renda é louvável, mas não se pode destruir um ecossistema produtivo, que traz serviços ambientais para a sociedade”. (Blog Ciência Meio Ambiente. *Debate sobre mangue exige ponderações* 27/04/2010)

12)

É que no Complexo Portuário e Industrial, localizado no Grande Recife, a compensação ambiental também não ocorre. Documento da Agência Pernambucana de Meio Ambiente (CPRH) divulgado pela Assembleia Legislativa mostra que, em apenas três anos (2007 a 2009) foram 88,74 hectares de mangue e restinga suprimidos com autorização da assembleia, a pedido do governo do Estado, sem que sequer o projeto de compensação tenha sido enviado ou aprovado pela CPRH.

O próximo corte, já autorizado pela Alepe, será de 508 hectares de mangue, 17 ha de mata atlântica e 166 ha de restinga, para a ampliação do complexo. “Estamos trabalhando para que isso mude daqui pra frente, seja em grandes empreendimentos, como Suape, ou em pequenos, como o circo. O desenvolvimento sustentável só ocorre se houver compensação pelos danos ambientais que ele causa”, diz Suzy Rocha, coordenadora da Associação Pernambucana de Defesa da Natureza (Aspan), uma das ONGs que organizou o protesto. (Blog Ciência Meio Ambiente. *Protesto em favor da compensação ambiental*. 20/05/2010)

As matérias do blog cobram, com firmeza, a preservação dos 1.076,49 hectares de floresta nativa na região de Suape. Mas, observa-se que elas não têm um tom de militância radical. Ao contrário, nos textos há espaço para representantes do governo estadual, da oposição, de organizações ambientalistas e moradores da região, que serão diretamente atingidos pela supressão da área de mangue, restingas e mata atlântica.

Diante da pressão popular, o Governo do Estado de Pernambuco recuou, reduzindo a proposta de desmatamento de 1.076,49 hectares (893 de mangue, 166 de restinga e 17 de mata atlântica) para 691 hectares (508 de mangue, 166 de restinga e 17 de mata atlântica), o que foi, sem dúvida, uma vitória, não só para os ambientalistas. É importante não perder de vista que o papel da mídia foi relevante por ter trazido a discussão à tona, mas a atuação do blog *Ciência Meio Ambiente* foi extremamente significativo para esse desfecho e será fundamental para outras batalhas que começam desde já, conforme anuncia o próprio blog em texto publicado após o recuo do governo.



13)

Valeu a pena? Pelo menos, a sociedade organizada conseguiu adiar o inevitável. O restante da vegetação nativa de Suape deve ser igualmente destruída, por falta de um zoneamento adequado. No lugar do mangue, que presta serviços ambientais como contenção de enchentes no litoral, prevenção da erosão costeira, manutenção da biodiversidade, sequestro de carbono da atmosfera e garantia da produtividade pesqueira, algumas empresas que não dependem diretamente dos canais, dizem os especialistas, poderiam ocupar canais que cercam Suape. Além de monoculturas, as plantações de cana consomem agrotóxicos que contaminam os rios e não prestam serviços ambientais. (Valeu a pena a mobilização popular? *Blog Ciência Meio Ambiente*. 09/07/2010)

Algumas considerações

A estratégia de sobrepor aspectos econômicos aos ambientais pode ser explicada pelo fato de que apesar de ter havido avanços, ainda não existir realmente uma consciência ecológica na sociedade. Por isso, é muito mais fácil atrair a atenção do leitor focando na economia do que no meio ambiente. Também é importante não perder de vista o que diz Miura (2001, p. 121): “O meio ambiente só entra como pauta nos jornais quando há alguma crise. Apesar de a imprensa brasileira estar, hoje, dedicando mais tempo e espaço para a ecologia, a qualidade das informações ainda deve ser revista” (p.121).

Reconhecemos que, no caso analisado, a mídia, juntamente com a sociedade, contribuiu para deter, temporariamente, uma maior devastação. Mas é necessário que fiquemos atentos, pois o poder econômico parece que sempre dita as regras. E, nessa perspectiva, desenvolvimento e natureza não se afinam, estando sempre em pólos opostos.

Por fim, vale destacar a importância da reconfiguração dos veículos de comunicação a partir do avanço das novas tecnologias. Sabemos que boa parte da discussão que veio à tona em relação ao caso Suape só se tornou possível graças a alguma independência editorial do blog *Ciência Meio Ambiente* que, embora pertença ao *Sistema Jornal do Commercio de Comunicação*, pôde explicitar uma postura mais crítica.

Referências

- IVANISSEVICH, Alicia. 2001. A Divulgação Científica na Mídia. In: *Ciência & Ambiente* n.23. Santa Maria, UFSM.
- JOHN, Liana. Imprensa, Meio Ambiente e Cidadania. In: *Ciência & Ambiente* n.23. Santa Maria, UFSM. 2001.



MIURA, Juliana. Os Caminhos do Jornalismo Ambiental: Estudos de Caso de Especialização em Meio Ambiente. In: *Comunicando a Ciência*. Florianópolis, ABJC. 2001.

NELSON, Peter. *Dez Dicas Práticas para Reportagens sobre o Meio Ambiente*. Reston, Centro para jornalistas estrangeiros. 1994.